



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**ALVARO ACCO KOSLOWSKI**

**(depoimento)**

**2014**

**CEME–ESEF–UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Gaúchos Olímpicos

**Número da entrevista:** E-445

**Entrevistado:** Alvaro Acco KoslowsKi

**Nascimento:** 20/04/1971

**Local da entrevista:** Centro de Memória do Esporte (CEME)

**Entrevistadora:** Christiane Garcia Macedo

**Data da entrevista:** 15/08/2014

**Transcrição:** Gustavo Bernardi

**Copidesque:** Christiane Macedo

**Pesquisa:** Christiane Macedo

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 47 minutos e 57 segundos

**Páginas Digitadas:** 12 páginas

**Observações:**

O entrevistado realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para o projeto *Gaúchos(as) Olímpicos: preservando memórias, reconstruindo histórias* desenvolvido pela equipe do CEME.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Inserção no esporte; Pessoas que influenciaram na carreira do atleta; Situação da canoagem na década de 1980; Associações de Canoagem no Rio Grande do Sul; Dedicção ao esporte de alto rendimento; Dificuldades no esporte; Seletiva para Jogos Olímpicos; Preparação e participação nos Jogos Olímpicos de Barcelona; Viagem à República Tcheca antes dos Jogos; Convivência na Vila Olímpica; Repercussão da participação nos Jogos Olímpicos na carreira; Participação de outros gaúchos nos Jogos Olímpicos.

Porto Alegre, dia 16 de agosto de 2014. Entrevista com Alvaro Koslowski a cargo da pesquisadora Christiane Macedo para o projeto Garimpando Memórias.

C.M. – Ola, inicialmente gostaríamos de saber como foi a sua inserção no esporte?

A.K. – Eu comecei praticando várias modalidades como adolescente, não havia muitas opções. Morava numa cidade no interior do Rio Grande do Sul, Santa Tereza, que na época nem era uma cidade, era um distrito de Bento Gonçalves<sup>1</sup>. As opções eram poucas e eu não tinha um bom desempenho no futebol, que era o mais praticado, e em 1985 ocorreu um evento em nossa cidade que foi uma das primeiras competições de canoagem que aconteceram no Brasil, em um dos rios de Santa Tereza, que é chamado de Rio Taquari, e o evento acabou chamando bastante atenção. A modalidade diferente, colorida, barcos diferentes, eu nunca tinha visto nada igual na minha vida, isso chamou muita atenção. Este evento gerou a curiosidade e no final daquele mesmo ano eu já remei pela primeira vez e no ano seguinte, as coisas aconteceram muito rápido. Em março já participei de uma competição e eu conquistei a sexta colocação e foi a minha primeira competição, ganhei uma medalha. De lá pra cá foi uma sequência de fatos que me levaram a ir para uma Olimpíada, que considero ser um dos grandes eventos da minha vida. Na época eu não entendia muito a magnitude porque foi a primeira Olimpíada do Brasil em canoagem, a gente não tinha noção do que era, como é hoje. Nós não tínhamos acesso às informações. Durante esse meio tempo eu viajei para mais de sessenta países e fui durante dezesseis anos atleta, depois outros doze anos eu fui treinador, oito deles como técnico da seleção brasileira de canoagem. Atualmente trabalho na área de esportes e coordeno um projeto social chamado “Remadas Solidárias”<sup>2</sup>. Estou concluindo meu mestrado aqui na UFRGS<sup>3</sup> e vou defender minha dissertação dia 27 de agosto deste ano. O que tenho da canoagem e do esporte de uma forma geral é que este foi a minha escola para a vida, e assim, pude entender o mundo, as pessoas, em fim, foi uma grande oportunidade que aconteceu na minha vida, porque a canoagem\esporte, foi e é uma forma de educar.

C.M. – Quem influenciou a sua carreira?

---

<sup>1</sup> Bento Gonçalves – RS.

<sup>2</sup> Projeto social que visa atender crianças e jovens na iniciação e prática da canoagem.

<sup>3</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em Ciência do Movimento Humano.

A.K – Na minha família não teve nenhum desportista, então não tive influência familiar, muito pelo contrário, ninguém queria que eu remasse porque era perigoso. Meu pai contribuiu, pois ele nunca me disse que não, já minha mãe não queria que eu remasse. Na verdade sempre tive alguns “anjos” que foram pessoas que apareceram na minha vida as quais posso afirmar que foram pessoas especiais. Vou dar um exemplo, estava lá em Kumatzo no Japão, e lá ninguém fala inglês, e sempre tinha uma pessoa legal para colaborar e isso é uma das coisas que acontece no esporte, que não acontece em lugar nenhum. Assim, posso dizer, foi uma sequência de pessoas que colaboraram e ajudaram ao longo desse trajeto em várias situações. Alguns de forma mais presente e outros nem tanto, patrocinadores que na época não era algo comum, hoje é difícil ter patrocínio imagina em 1987, você falava que queria ir pra Olimpíada de canoagem e os caras diziam que você era louco, “esse aí bebeu”, então posso dizer que fui privilegiado, porque teve muita gente que me ajudou. Sou grato!

C.M. – Você teve algum professor nesse início de carreira?

A.K. – Seria até injusto dizer que tive só um professor porque houve muitos professores e treinadores. Em especial o Zdzizlaw Szubski que foi um polonês que me treinou durante bastante tempo, e que a gente é amigo até hoje. Foi uma pessoa que passou mais tempo comigo, uma pessoa na qual eu me identifiquei, principalmente pela história parecida com a minha. Mas como eu falei, seria injusto dizer que foi só ele, porque houve muitas pessoas que foram amigos, professores, mas ele ficou mais tempo comigo como atleta. Ele é uma pessoa que se tivesse que citar todos que ajudaram, ele seria uma delas.

C.M. – Como era a situação da canoagem do Rio Grande do Sul naquela época? Você sabia de outros locais que praticavam? Como era o acesso?

A.K. – 1986 foi o segundo ano de competições da Associação Gaúcha de Canoagem que hoje nem existe mais. Naquela época não existia Confederação Brasileira de Canoagem e a canoagem não estava vinculada ao Comitê Olímpico Brasileiro. A canoagem não era reconhecida porque não existia uma instituição organizada, enfim a modalidade não existia (no sentido de reconhecimento oficial), para resumir. Os barcos eram esses que a gente

conhece, e que são construídos no quintal de casa. Então, não existia organização de forma alguma. No âmbito mundial já havia barcos com boa tecnologia, já existia todo um desenvolvimento da modalidade, mas aqui no Brasil não se sabia como era e como não era. No início a gente teve que improvisar e fabricar o próprio remo. Isto aconteceu com a ajuda de um marceneiro lá em Santa Tereza, que fabricou o remo porque a gente não tinha onde comprar. Eu comecei a remar em 1986 e o primeiro K1<sup>4</sup> que é o barco olímpico oficial, acho que ele foi construído em 1987. Quando compramos o barco, estávamos com um barco bom, porém, não conseguíamos nos equilibrar, pois o barco era muito instável, o barco virava todo momento, inclusive queríamos devolver porque não sabia como ficar e se equilibrar no barco. Foi um momento de pioneirismo, tivemos que ir descobrindo as coisas pela prática, pela experiência, porque não existia um livro ou um manual dizendo “faz assim, vai por aqui, fala com fulano”. A gente tinha vontade de fazer, vivia da vontade, queria remar.

C.M. – Com você tinham outras pessoas praticando?

A.K. – Sim, nós tínhamos um grupo que foi mudando ao longo do tempo e poucos ficaram daquela época, mas alguns ainda continuam trabalhando com canoagem. Houve sim, sempre existiu grupos e hoje a canoagem no estado é um dos principais polos do Brasil. Felizmente ficou uma semente boa, inclusive lá em Santa Tereza -falo com orgulho -, bem como, existe uma escola de canoagem que vai completar em 2016; por coincidência, no ano da Olimpíada<sup>5</sup> no Brasil, esta escola completará 30 anos, e sempre tem um menino que é campeão brasileiro ou que se destaca por lá. Enfim, sempre tem gente praticando a modalidade e este é o diferencial, pois a medalha é consequência. O que realmente importa, é que a semente ficou e as pessoas gostam de praticar e hoje tem mais de 30 alunos na escola de canoagem, em uma cidade tão pequena. Santa Tereza tem 1800 habitantes e continua tendo gente lá remando e eu vejo isso como satisfação. Outra satisfação que eu tenho é que depois de mim, Santa Tereza nasceu mais um atleta Olímpico, que é o Roger Caumo<sup>6</sup>, e que era meu vizinho e foi meu aluno quando eu tinha uma escolinha de canoagem, e graças à canoagem conseguiu disputar uma Olimpíada também.

---

<sup>4</sup> Um dos tipos de caiaque (embarcação) utilizado na prática do esporte.

<sup>5</sup> Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro (2016)

C.M. – Dentro da sua carreira você teve relação com algum clube ou uma instituição voltada para a prática da canoagem?

A.K. – Eu fui atleta, treinador e dirigente. No bem da verdade era assim que funcionava. No início a Associação Bento Gonçalvesense de Canoagem, originou a Associação Santa Teresense de Canoagem. Em Caxias do Sul fundamos a Associação Caxiense de Esportes Náuticos e a Associação Caxiense de Canoagem, e fui sócio e fundador dessas quatro entidades. Nós tivemos um vínculo muito bom com a Universidade de Caxias do Sul que era patrocinadora em virtude do programa que existia lá chamado UCS Olimpíadas 2004, Também fui vinculado a Federação de Canoagem do Estado do Rio Grande do Sul, porque no início de 1999, encerrei minha carreira de atleta, e iniciei no mesmo momento a carreira de treinador, sendo inclusive técnico da seleção gaúcha em Santa Maria. E naquela época eu era contratado pela Federação, esse contrato foi até 2003 como técnico do estadual. Em 2004 comecei a atuar como técnico nacional da seleção feminina até 2009. Então em 2009 a 2012 passei a coordenar os trabalhos da seleção feminina e masculina de caiaque. Em 2009 e 2010 também atuei como professor da Universidade de Caxias do Sul. Atualmente trabalho na prefeitura municipal de Caxias do Sul na Secretária de Esporte e Lazer na coordenação da área de projetos e também sou coordenador voluntário do projeto “Remadas Solidárias”.

C.M. – Quais os momentos anteriores aos Jogos Olímpicos tu destacaria?

A.K. – O ponto fundamental e decisivo para definir minha vocação de atleta de alto rendimento, foi em 1986, minha primeira competição em março daquele ano. Era a última competição do ano e ocorreu em Santa Teresa. Eu era o menos favorito, a zebra da competição, porque eu era novinho, franzino, então dentro de todos que estavam competindo eu era o que não tinha chances de chegar ao pódio. Naquela competição foi marcante porque eu fiquei em segundo lugar e quase venci, então eu vi que eu era fraquinho, mas tinha condições. Isso mudou a minha forma de ver meu potencial e comecei a acreditar mais em mim e deste ponto em diante foram varias conquistas. A primeira medalha nos Jogos Pan-Americanos de Canoagem em Mar del Plata, conquistamos a

---

<sup>6</sup> Participou dos Jogos Olímpicos de Sidney (2000).

medalha de bronze eu e o Sebastián Cuatrin. Em 1998 nós ganhamos duas medalhas de ouro na Copa do Mundo<sup>7</sup> nas quais também foram marcantes. Conquistei vários títulos nacionais, e também tive muitas decepções e talvez a maior de todas foi em 1996, na disputa da vaga para os Jogos Olímpicos de Atlanta. Estávamos muito confiantes quanto à conquista da vaga, e por um descuido (12 centésimos de segundo) assisti a Olimpíada de Atlanta pela televisão. Foi um momento muito difícil, foi um tombo violento.

C.M. – Dificuldades do esporte em si e durante a sua carreira. Você teve facilidade de conseguir apoio para ir para as competições e para permanecer no esporte?

A.K. – Hoje eu vejo que se eu tivesse tido mais informação técnica, como eu consigo oferecer para os meus alunos, por exemplo, talvez tivesse alcançado melhores resultados. Por exemplo, hoje estou fazendo mestrado aqui na UFRGS e meu estudo é quantificar a força aplicada na remada em canoagem de velocidade, se eu tive-se esse tipo de *feedback* durante a minha época, equipamentos com mais qualidade, acredito que poderia ter ido um pouquinho mais longe. Mas não lamento, porque alguém tinha que abrir caminho. Naquela época foi a tarefa que coube a mim! Não estou aqui lamentando, e não sou de lamentar, muito pelo contrário, porque eu sempre tive patrocínio, sempre tive gente que me ajudou, fui abençoado! Por outro lado eu não tive tudo o que eu quis, mas eu tive o necessário. Então eu sou grato pelas oportunidades, porque as vivi com intensidade e me entreguei de corpo e alma. Hoje são momentos diferentes, e o Brasil está recebendo Jogos Olímpicos de Verão, que vão ocorrer no inverno –brincadeira-, será um momento impar, diferente.

C.M. – Nesse período que você iniciou tinha participação de mulheres aqui no Rio Grande do Sul no esporte. Você sabe quando começa a ter participação das mulheres?

A.K. – Não a modalidade era só de homens. Em 1988, três anos depois, é que as mulheres começaram a ingressar na canoagem.

C.M. – Como você conseguiu ir para os Jogos? Como foi a seletiva?

---

<sup>7</sup> Copa do Mundo de Canoagem de Velocidade que aconteceu na cidade de Entre Rios do Oeste (PR).



A.K. – Ocorreu uma seletiva nacional, para definir os três representantes do Brasil e eu consegui a classificação. A seletiva ocorreu na raia olímpica da USP<sup>8</sup> em São Paulo.

C.M – A questão de estar fora do eixo Rio-São Paulo, você teve alguma dificuldade com isso por estar aqui no sul?

A.K. – Tive sim. Eu morava em Santa Teresa, que acredito que é a menor cidade do Brasil, para ir morar na maior cidade do Brasil. Morei quatro anos em São Paulo, para poder ir para uma Olimpíada e depois para continuar treinando com os melhores atletas. Possuo formação técnica em enologia e na época da conclusão deste curso, lembro que para poder treinar eu fiz um estágio em uma empresa, que se situava a beira do Rio Taquari - fábrica de refrigerantes Fruki. Meu sonho era ir para a Olimpíada e para isso tive que conciliar os estudos com os treinamentos! Consegui essa empresa, assim, eu treinava de manhã e a tarde realizava meu estágio profissional na empresa. Quando terminei meu estágio o dono da empresa, (que na época era muito menor do que hoje), ofereceu uma oportunidade de emprego: “Alvaro eu gostaria que tu ficasse aqui trabalhando conosco”. Eele está vivo ainda. Ele me ofereceu uma quantia bem superior a que eu ganhava pra ficar lá. Era uma quantia considerável, Jesus! Nunca vi tanto dinheiro. Mereço tudo isso? Então olhei pra ele e para o dinheiro, era uma boa oferta de emprego, e falei: “Seu Nelson é o seguinte, eu tenho um sonho que é ir para uma Olimpíada”. Enfim, não aceitei a proposta e segui o que eu acreditava naquele momento e inclusive usei os recursos para pagar as despesas para treinar em São Paulo. Paguei o aluguel por um ano com o dinheiro daquele estágio.

C.M. – Como você conseguiu ir para os Jogos Olímpicos?

A.K. – Bom primeiramente por minha fé em Deus. A minha família mesmo receosa, também contribuíram decisivamente, pois foram fundamentais na formação de meu caráter, Os inúmeros amigos! E minha determinação.

C.M. – A sua preparação foi os quatro anos que você ficou em São Paulo?

---

<sup>8</sup> Universidade de São Paulo.

A.K. – Morei em São Paulo um ano antes dos Jogos de Barcelona e três depois dele. A seletiva nacional que mencionei, foi em 1992 e eu fui pra lá em 1991 um ano antes. Eu fiquei lá com alguns colegas e disputei um campeonato mundial antes da Olimpíada e este foi o primeiro mundial de canoagem que o Brasil esteve presente. Foi em Paris. A gente não sabia como era e foi para lá mais para conhecer a estrutura de um campeonato mundial e a partir daí eu vi que se ficasse em Santa Teresa ia ser difícil, então montamos um grupo de 4 atletas e começamos a treinar em São Paulo na USP por conta própria.

C.M. – Que experiências você destacaria da sua participação, tanto da competição em si quanto do entorno?

A.K. – Eu não tinha noção como falei antes do que era Olimpíada. Barcelona<sup>9</sup> foi uma Olimpíada diferente e teve todo um contexto diferente e eu não entendia. Hoje eu entendo, porque eu estudei Barcelona depois da minha participação. Em um dos episódios, tive a oportunidade de jantar com Carl Lewis, do lado dele, porém e não sabia quem ele era. Fiquei sabendo só quando ele levantou pra ir embora. O pessoal pedia pra tirar foto e eu não sabia quem era ele. Um membro da delegação brasileira me alertou! Fiz amigos que perduram até hoje. Dividimos o quarto com o pessoal da vela durante vinte dias, e criamos vínculos de amizade, por exemplo, posso citar o Lars Grael<sup>10</sup>, que é meu amigo até os dias de hoje. Para mim o principal legado da Olimpíada é mostrar que todas as pessoas são capazes, basta querer! Muitas vezes criamos os nossos limites, e nós definimos o nosso percurso, e assim, somos protagonistas do nosso destino. Barcelona me ensinou isso, porque a gente se limita e não percebe isso. Aprendemos com nossas experiências. A experiência olímpica criou a possibilidade de poder enxergar mais longe e poder perceber que sou eu quem decido meu ponto de chegada.

C.M. – Você Teve alguma experiência negativa ou frustrante na participação dos Jogos Olímpicos?

A.K. – Nós fomos participar de um evento na República Tcheca - Copa do Mundo - antes da participação do Jogos Olímpicos, era a chance de participar de uma competição de

---

<sup>9</sup> Jogos Olímpicos de Barcelona em 1992.

<sup>10</sup> Lars Schmidt Grael.

menor porte e desta forma realizar uma preparação. Foi engraçado, nos foi dado uma passagem aérea de São Paulo\Barcelona\São Paulo e Barcelona para República Tcheca (local da Copa do Mundo - terceira etapa) teríamos que ir de trem. A cidade é chamada de Racice na República Tcheca que era na antiga Tchecoslováquia, que agora até inclusive mudou de nome. Então a gente chegou em Barcelona no primeiro dia de férias de verão e não sabia que era uma loucura, os europeus aproveitam muito o verão e viajam muito, principalmente de trem. Nós tínhamos uma passagem, que supostamente era de primeira classe, para viajar de Barcelona até Racice. Só que a primeira classe, precisava de uma pré-reserva e isto não havia sido feito. Desta forma tivemos que viajar em situação no mínimo precária e demoramos quatro dias para chegar na capital da República Tcheca, na cidade de Praga, dormindo e se alimentando mal em virtude dos recursos escassos. Após os quatro dias, de muito *stress*, chegamos em Praga e fomos procurar a cidade de Racice. Descobrimos naquele momento que havia outras cinco cidades ou locais com o mesmo nome. Passamos dois dias em Praga procurando Racice, e pela Lei de Murphy<sup>11</sup> qual a última cidade que a gente achou? Racice! Chegamos em Racice em um domingo, no final e a competição. A viagem ao total levou seis dias, e este período ficamos sem treinar... Disputei a Olimpíada na embarcação K2<sup>12</sup>, competindo nas distâncias 1000 e 500 metros. No primeiro dia de treinamento em Racice, eu e meu companheiro de embarcação, o baiano Jefferson Lacerda, fomos treinar, e nos primeiros 200 metros ele quebrou o remo. Como não tínhamos um remo reserva, tivemos que achar uma pessoa para concertar. Este concerto demorou dois dias. Ao total ficamos nove dias sem treinar. Enfim, foi um fato inusitado, típico de equipes que não possuem experiência e ocorreu as vésperas dos Jogos Olímpicos, no qual nos afastou nove dias dos treinamentos. Nossa participação nos Jogos Olímpicos, mesmo com todos estas “trapalhadas” não foi ruim. Os tempos que a gente obteve, considerando os equipamentos daquela época, que eram bem diferentes dos atuais, nossos tempos não foram ruins, inclusive pelos métodos de treinamento que a gente tinha. Obtivemos um tempo razoável, e conquistamos o décimo oitavo lugar, uma classificação boa, pelo fato de ser a primeira participação brasileira em Jogos Olímpicos na modalidade de Canoagem.

---

<sup>11</sup> Expressão popular que repete à frase “Se alguma coisa pode dar errado, dará”.

<sup>12</sup> Um dos tipos de caiaque (embarcação) utilizado na prática do esporte.

C.M. – O que você achou da estrutura para o esporte na Olimpíada. Foi uma estrutura adequada?

A.K. – Sim, foi perfeita.

C.M. – Você ficou na Vila Olímpica?

A.K. – Sim. Alimentação, qualidade das habitações, tudo era perfeito.

C.M. – Sobre a participação dos Jogos Olímpicos tem mais alguma coisa que tu quer acrescentar?

A.K. – Acredito que o que mais marcou a participação nos Jogos Olímpicos foi o fato de estar com toda aquela gente na Vila Olímpica. Eu lembro que era possível assistir as competições na televisão e poucos momentos depois eu estava junto destas pessoas. Isso ocorreu, por exemplo, com o pessoal do Basquete – o *Dream Time* - e eu tirei foto com eles e quando nos paramos na abertura o Michael Jordan<sup>13</sup> estava do nosso lado. Eu olhei e ele estava ali, estava todo mundo ali, o Scottie Pippen<sup>14</sup>, todos aqueles caras que a gente via na televisão estavam ali do lado..

C.M. – Qual a repercussão da participação dos Jogos Olímpicos na sua carreira e na sua vida?

A.K. – Até hoje sou reconhecido por ter disputado uma Olimpíada. São poucos atletas no Brasil que foram para uma Olimpíada, inclusive esses dias fiquei sabendo que foram mil oitocentos e poucos, eu não lembro o número certo. É um universo pequeno! Enaltece o fato de termos sido os primeiros da modalidade de canoagem, é gratificante saber que a gente abriu caminho, marcou época.

C.M. – Por exemplo, para abertura dos projetos. Para tu ter ido trabalhar como treinador essa participação fez diferença?

---

<sup>13</sup> Michael Jeffrey Jordan.

<sup>14</sup> Scottie Maurice Pippen.

A.K. – Claro, foi fundamental. Como falei, sou reconhecido até hoje, tanto que estou aqui falando contigo, pois esse reconhecimento se mantém, mesmo 24 anos após este evento. Analisar a trajetória também é importante, pois ela nos dá a real dimensão da caminhada. O “Remadas Solidárias” é fruto desta trajetória.

C.M. – O esporte do Rio Grande do Sul além da quantidade de gente praticando, tu viu diferença depois de 1992?

A.K. – Hoje existem oito núcleos fortes e ativos de canoagem aqui no Rio Grande do Sul: Eldorado do Sul, Guaíba -(lamentavelmente Porto Alegre, não possui nenhum núcleo -, São Leopoldo, Caxias do Sul, Estrela, Santa Maria, Cachoeira do Sul e Santa Tereza.

C.M. – Quando você começou a ser treinador e como você chega a treinar a seleção?

A.K. – Em 2004. Naquela época não existia um trabalho com as mulheres. Estas eram segundo plano, ou melhor dizendo, eram um adendo da equipe masculina. Quando o treinador da equipe masculina tinha um pouquinho de tempo ele olhava duas ou três meninas. Então o presidente da Confederação me ligou e perguntou: “Tu não quer começar um trabalho com as mulheres especificamente?” E eu aceitei no momento, era uma oportunidade! Então aconteceu dessa forma bem simples, foi um trabalho que a gente começou do zero. Conquistar títulos importantes, fomos campeões Pan-Americanos e Sul-Americanos, algumas vezes, que é importante título. Também chegamos a ficar em décimo primeiro lugar no *ranking* mundial em barcos de equipe. Conquistamos resultados importantes com as mulheres e com os homens também. O melhor resultado foi um quarto lugar na final A<sup>15</sup>. Quarto lugar no *ranking* mundial de 200 metros em 2009 no Campeonato Mundial do Canadá.

C.M. – Como treinador tu chegou a participar de alguma outra edição dos Jogos Olímpicos?

---

<sup>15</sup> Campeonato Mundial de Canoagem, em Dartmouth no Canadá.

A.K. – Não. É minha frustração. Fiquei fora em 1996 como atleta e agora em Londres como treinador. Foi difícil não ter disputado as Olimpíadas de Atlanta como atleta, mas foi bem pior não ter conseguido classificar o Edson para os Jogos Olímpicos de Londres.

C.M. – Fala um pouco mais sobre o “Remadas Solidárias”. Por que exatamente tu começou o projeto e quando?

A.K. – Este é um projeto incentivado através de uma parceria do Governo Federal. Este projeto envolve os três setores da sociedade, com apoio dos Governo Federal, Estadual e Municipal e também do terceiro setor - SESI<sup>16</sup> - que é nosso grande parceiro em Caxias do Sul. O “Remadas Solidárias” é a forma do que o Alvaro, encontrou para retribuir toda ajuda que me foi dada. Este projeto atende crianças e adolescentes com idade entre 10 a 18 anos, lhes oferecendo gratuitamente transporte, lanches, uniforme e aulas de canoagem. O “Remadas Solidárias” é um projeto esportivo que busca educar pelo esporte. Nós tentamos usar a canoagem, mais especificamente falando, para que ela incentive as crianças e adolescentes a terem hábitos de vida melhores, e que um deles seja se dedicar aos estudos!

C.M. – Gostaria de acrescentar mais alguma coisa. Registrar mais alguma coisa?

A.K. – Sim, Na história dos Jogos Olímpicos de Barcelona em 1992 o Alvaro, o Sebastián Cuattrin e o Jefferson Lacerda foram os representantes da canoagem de velocidade e existe também a modalidade olímpica, que é o *slalom*, na qual, foi representada por atletas brasileiros/gaúchos/trêscoroenses: Leonardo Selbach, Gustavo Selbach e o Marlon Almiro Grings, bravos guerreiros desta linda história. Frisando, que foi a primeira Olimpíada, na qual o *slalom* foi disputado e que continua a fazer parte do programa dos Jogos. É importante esse registro dos meninos do *slalom*. Três Coroas é um núcleo que tem que valorizar muito, pelo que foi feito por lá. Inclusive porque houve um campeonato mundial de canoagem e esses guris foram fundamentais nesta história e acredito que Três Coroas é um exemplo de mobilização de um grupo grande de pessoas pelo esporte.

C.M. – Então, em nome do Centro de Memória do Esporte: Muito Obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]

---

<sup>16</sup> Serviço Social da Indústria.